



Economia Ecológica

LUCCA SIMEONI PAVAN
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Lucca Simeoni Pavan
(Organizador)

Economia Ecológica

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E19	Economia ecológica [recurso eletrônico] / Organizador Lucca Simeoni Pavan. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-23-9 DOI 10.22533/at.ed.239182908 1. Economia ambiental. 2. Desenvolvimento sustentável. I.Pavan, Lucca Simeoni. II. Título. CDD 333.7
-----	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um dos temas recentes que vem obtendo maior destaque no estudo da economia, principalmente entre aqueles que não seguem a corrente de pensamento dominante é a Economia Ecológica.

Estudos econômicos que incorporam em sua análise as questões do meio ambiente são de fundamental importância se um país pretende atingir um nível de crescimento alto e sustentável.

Os modelos convencionais equivocadamente, não se preocupam com questões ambientais e ecológicas. Além disso, os modelos que tratam de questões relacionadas ao meio ambiente e recursos naturais acabam sendo marginalizados e não fazem parte do núcleo duro da discussão acadêmica entre os principais economistas de grande universidades.

A falta de tratamento de questões ecológicas me parece ser uma falha na construção do conhecimento e da ciência econômica. Este livro é muito bem vindo, pois colabora com a discussão da economia e da incorporação do tema meio ambiente e ecologia nas decisões econômicas e nos estudos científicos.

Neste livro podemos encontrar diversos trabalhos que incorporam na discussão econômica os aspectos ecológicos e ambientais das decisões econômicas e trazem ao centro o debate sobre economia, o meio ambiente, e como as decisões econômicas podem afetá-lo hoje e no futuro. As formas de se cumprir esta tarefa são variadas, podemos citar os trabalhos que tratam de índices de desenvolvimento sustentável ou ambiental, descrevendo sua evolução ao longo do tempo para o Brasil ou regiões. Tais índices também são analisados espacialmente, destacando a localização dos municípios conforme seu nível de desenvolvimento ambiental.

Os aspectos teóricos também fazem parte dos temas abordados neste livro, comparando os conceitos da economia neoclássica e economia ecológica ou ambiental e inserindo também discussões jurídicas que abordam este assunto. Portanto, este livro contribui imensamente com a discussão da economia ecológica e ambiental apresentando diversos trabalhos das mais variadas metodologias e objetivos de pesquisa. Propiciando ao seu leitor uma rica variedade de estudos que incorporam questões tão importantes como o meio ambiente, ecologia e recursos naturais aos estudos da ciência econômica.

Lucca Simeoni Pavan
Doutorando em economia pelo PPGDE/UFPR.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ECONOMIAS” DO MEIO AMBIENTE – CONCEITOS BÁSICOS E ALGUMAS CORRENTES TEÓRICAS	
<i>Rodrigo de Campos Macedo</i>	
CAPÍTULO 2	14
O HOMEM DO CAMPO E O CLIMA: PERCEPÇÃO PARA A REGIÃO DE ANÁPOLIS E ENTORNO	
<i>Joana D’arc Bardella Castro</i>	
<i>Jorge Madeira Nogueira</i>	
<i>Talita Freitas Souza</i>	
<i>Adilson Bicudo Rocha</i>	
CAPÍTULO 3	29
GESTÃO DE PROCESSOS EM UMA INDÚSTRIA CERÂMICA: SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL E SIMBIOSE INDUSTRIAL	
<i>Jorge da Cunha Martins Sousa</i>	
<i>Luís Henrique dos Santos Silva Sousa</i>	
<i>Eldelita Águida Porfírio Franco</i>	
CAPÍTULO 4	47
FEIRAS AGROECOLÓGICAS E SOLIDÁRIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DO CARIRI	
<i>Ademar Maia Filho</i>	
<i>Alexsandra Salvador da Silva</i>	
<i>Carlos Wagner Oliveira</i>	
<i>Ana Célia Maia Meireles</i>	
<i>Francisco Roberto de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 5	60
ANÁLISE DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS REALIZADAS EM COMUNIDADE TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO NO MUNICÍPIO DE SOBRADINHO/BAHIA	
<i>Maria Aparecida Conceição Nunes</i>	
CAPÍTULO 6	69
A REDE DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS E SOLIDÁRIAS DO CARIRI – REDE FASOL CARIRI	
<i>Ademar Maia Filho</i>	
<i>Maria Ayrilles Macêdo</i>	
<i>Luiza Maria Valdevino Brito</i>	
<i>Ana Célia Maia Meireles</i>	
<i>Victória Régia Arrais de Paiva</i>	
CAPÍTULO 7	78
DESENVOLVIMENTO DE INDICADORES AMBIENTAIS DE UMA EMPRESA DE TRANSPORTE COLETIVO URBANO EM UBERLÂNDIA – MG	
<i>Flávia Alice Borges Soares Ribeiro</i>	
<i>Fabrcio Pelizer de Almeida</i>	
<i>Victoria Oliveira Rios Leite</i>	
<i>Karoline Viana Martins</i>	

CAPÍTULO 8	91
BARÔMETRO DA SUSTENTABILIDADE PARA O BRASIL: UMA AVALIAÇÃO DA EVOLUÇÃO ENTRE 2004 E 2014	
<i>Jéssica Brum Suárez Quevedo</i>	
<i>Debora Nayar Hoff</i>	
<i>João Garibaldi Almeida Viana</i>	
CAPÍTULO 9	123
THE GEORGESCU-ROEGEN VERSUS SOLOW/STIGLITZ FORUM AS THE EPITOME OF THE THERMODYNAMIC CRITICISM TO GROWTH THEORY	
<i>Marco Paulo Vianna Franco</i>	
CAPÍTULO 10	135
TEMPO E SISTEMAS COMPLEXOS: ADAPTAÇÃO, PARASITISMO E SUSTENTABILIDADE	
<i>Marcos Henrique Godoi</i>	
<i>Daniel Lemos Jeziorny</i>	
CAPÍTULO 11	154
MODELO PARA ACELERAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO ECOLÓGICO	
<i>Armando Kokitsu</i>	
CAPÍTULO 12	169
O TURISMO COMO INDUTOR DO DESENVOLVIMENTO, PROSPERIDADE E BEM-ESTAR NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA ECOLÓGICA	
<i>Thays Regina Rodrigues Pinho</i>	
CAPÍTULO 13	187
ANÁLISE MORFOMÉTRICA DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DAS PEDRAS, UBERLÂNDIA – MG	
<i>Alisson Martins de Oliveira</i>	
<i>Fabício Pelizer de Almeida</i>	
<i>Flávia Alice Borges Soares Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 14	205
A INFLUÊNCIA DA ECONOMIA NO DIREITO: INCERTEZAS CIENTÍFICAS E O PRINCÍPIO DA PRECAUÇÃO	
<i>Maria Carolina Rosa Gullo</i>	
<i>Moisés João Rech</i>	
<i>Renan Zenato Tronco</i>	
CAPÍTULO 15	222
ECONOMIA NEOCLÁSSICA E ECONOMIA ECOLÓGICA: PARADIGMAS DISTINTOS PARA A PESCA MARINHA	
<i>Diana Mendes Cajado</i>	
<i>Antônio Jeovah de Andrade Meireles</i>	
<i>Fábio Maia Sobral</i>	
<i>Francisco José Lopes Cajado</i>	
<i>Luisa Janaína Lopes Barroso Pinto</i>	

CAPÍTULO 16 237

ACORDOS CLIMÁTICOS E OS INSTRUMENTOS DE REDUÇÃO DE GASES DE EFEITO ESTUFA À LUZ DA ECONOMIA DE BAIXO CARBONO

Augusta Coelho Santana

André Luís Rocha de Souza

SOBRE O ORGANIZADOR..... 255

A REDE DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS E SOLIDÁRIAS DO CARIRI – REDE FASOL CARIRI

Ademar Maia Filho

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), Centro de Ciências Agrárias e da Biodiversidade (CCAB), Crato, Ceará, Brasil.

Maria Ayrilles Macêdo

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), Centro de Ciências Agrárias e da Biodiversidade (CCAB), Crato, Ceará, Brasil.

Luiza Maria Valdevino Brito

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), Centro de Ciências Agrárias e da Biodiversidade (CCAB), Crato, Ceará, Brasil.

Ana Célia Maia Meireles

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), Centro de Ciências Agrárias e da Biodiversidade (CCAB), Crato, Ceará, Brasil.

Victória Régia Arrais de Paiva

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), Centro de Ciências Agrárias e da Biodiversidade (CCAB), Crato, Ceará, Brasil.

RESUMO: O empreendedorismo rural vem conquistando espaços nos mais diferentes contextos, seja na gastronomia rural, do design de roupas, calçados, acessórios, artefatos decorativos, bioconstruções, dentre inúmeras outras possibilidades. A Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri (Rede FASOL Cariri) foi constituída a partir de pequenas iniciativas de agricultores de diversos municípios da Região do Cariri Cearense, que organizados, conduzem as diretrizes de forma solidária e coletiva. O estudo objetivou analisar a Rede FASOL Cariri como empreendimento rural sustentável. A metodologia caracterizou-se como qualitativa-descritiva, realizando-se estudo documental e observação participante a partir das quatro edições da Rede FASOL Cariri. O estudo ocorreu entre maio e setembro de 2017. A Rede FASOL Cariri fortaleceu a agricultura familiar, estimulou a produção orgânica e agroecológica, diversificou os produtos, ampliou os espaços de comércio justo e solidário e inovou o processo de organização coletiva. Conclui-se que, a Rede FASOL Cariri é um empreendimento rural popular e sustentável, que sistematizou as relações entre os produtores rurais a partir de suas demandas essenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo. Economia Solidária. Sustentabilidade. Agroecologia.

ABSTRACT: Rural entrepreneurship has been win ground in the most diverse contexts, whether in rural gastronomy, clothing design, footwear, accessories, decorative artifacts, bio-constructions, among many other possibilities. The Cariri Agroecological and Solidarity Fair Network (FASOL Cariri Network) was constituted from small initiatives of farmers in several municipalities in the Region of Cariri Cearense, which, organized, conduct the guidelines in a solidarity and collective manner. The study aimed to analyze the FASOL Cariri Network as a sustainable rural entrepreneurship. The methodology was characterized as qualitative-descriptive, being carried out documentary study and participant observation from the four editions of the Network FASOL Cariri. The study took place between May and September 2017. The FASOL Cariri Network strengthened family farming, stimulated organic and agroecological production, diversified products, expanded fair trade and solidarity, and innovated the collective organization process. It is concluded that the FASOL Cariri Network is a popular and sustainable rural entrepreneurship, which systematized the relations between rural producers based on their essential demands.

KEY WORDS: Entrepreneurship. Solidary Economy. Sustainability. Agroecology.

1 | INTRODUÇÃO

Empreender pode ser considerado a forma de se inovar sobre produtos e/ou serviços sem perder a originalidade, ou a essência daquilo que se deseja compartilhar. O empreendedorismo no Brasil em geral é aplicado sobre as ações da indústria e do comércio nos grandes e principalmente nos pequenos negócios. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE fomenta o empreendedorismo em todo o território nacional, formatando modelos de negócios inovadores, adaptáveis a realidade de cada região brasileira.

Para Lima, Parteli e Loose, (2015), o empreendedorismo é importante para o desenvolvimento de uma atividade, sendo considerada a maneira pela qual o empreendedor articula ou mesmo planeja suas estratégias, para o bem de seu negócio, considerando que a capacidade de articular, ou mesmo colocar em ação uma estratégia já planejada, relaciona-se com o nível de maturidade do empreendedor, sua capacidade de conceber estratégias adequadas, e, sobretudo, ao ciclo de vida do seu empreendimento. Os autores completam ao afirmar que desta maneira, os agricultores familiares necessitam trabalhar o empreendedorismo como estratégias para desenvolver suas propriedades, de modo que possam aproveitar todos os recursos disponíveis para criar novos produtos e serviços ou aperfeiçoar os que já estão sendo industrializados.

Geralmente empreende-se em formatos de negócios comerciais, porém pode-se afirmar que o empreendedorismo pode ser aplicado em um sentido mais amplo, como na organização da vida pessoal de cada indivíduo, onde o planejamento diário impactará nos resultados ao fim de um período.

O empreendedorismo brasileiro, em geral, é aplicado em iniciativas de pequenos

e grandes negócios, na perspectiva da geração de trabalho e renda para o cidadão brasileiro. Porém, o mundo dos negócios em um sistema econômico capitalista, prioriza aqueles que valorizam o processo da lucratividade como resultado de um consumismo excessivo de bens e serviços não duráveis.

Culturalmente o empreendedorismo brasileiro favorece o pioneirismo daqueles que enxergam em seus negócios novas possibilidades de agradar sua clientela seja com mecanismos de compra, venda e troca de materiais, seja na oferta de pacotes de serviços, ou na forma de apresentação do negócio, seja em espaços físicos em lojas ou escritórios, ou em espaços virtuais, como lojas em plataformas *on line*. A forma de acesso a produtos e serviços é estratégica na conquista de uma clientela, atrelado assim a um mecanismo de logística de distribuição de produtos e serviços, e do atendimento as reais necessidades do mercado dentro de um território.

A Cartilha do Produtor Rural (2015), elaborada pelo SEBRAE, categoriza os agricultores classificando-os como um produtor assentado, agricultor familiar ou simplesmente produtor rural. Essa classificação implicará diretamente sobre o seu desempenho e dinâmica enquanto empreendedor, no sentido da arrecadação de recursos financeiros junto a bancos e outras instituições de financiamento.

O Empreendedorismo rural é considerado uma das alternativas ao agricultor, formulando assim empresas do campo, reduzindo o processo de abandono de sua atividade, e ampliando a diversidade e a capacidade de sua produção, bem como o atendimento das necessidades do seu território.

Schmidt e Bohnenberger (2009), afirmam que o empreendedorismo tem forte relação com o desenvolvimento regional e o agente transformador está na figura do empreendedor, ao qual no entendimento de Miyazaki et al. (2008), cabe a responsabilidade pelo desenvolvimento econômico, tornando a economia mais dinâmica e competitiva e gerando novas oportunidades.

É preciso conduzir os esforços de fomento ao empreendedorismo a movimentos mais leves, menos densos, maleáveis, que se moldem a uma nova perspectiva de promoção da economia, pautada em uma cooperação e não em uma competitividade. Empreender é uma arte, e cabe a cada indivíduo saber como desenvolver a arte de empreender em seu espaço, vislumbrando a ampliação comercial de seu negócio.

Os municípios que compreendem a Região Metropolitana do Cariri, no estado do Ceará, possuem em suas instâncias feiras livres, que favorecem o escoamento da agricultura convencional de cada localidade, bem como possuem feiras específicas para produtos agroecológicos, que são espaços de escoamento desse tipo de produção na região. Estas feiras agroecológicas apresentam características peculiares, que a tornam únicas em seus contextos. Inspirados nestas peculiaridades surgiu o interesse em unificar os esforços dos agricultores agroecológicos de toda a região, e criou-se a partir do processo de mobilização, sensibilização e participação, a Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri (Rede FASOL Cariri).

Neste contexto, a economia solidária vem a consolidar as relações entre os

participantes, maximizando as colaborações mutualísticas a fim de encontrar um bem comum. A economia solidária é assim, uma estratégia empreendedora da Rede FASOL Cariri, inovando a dinâmica de distribuição dos produtos agroecológicos do Cariri Cearense. O empreendedorismo rural vem conquistando espaços nos mais diferentes contextos, seja na gastronomia rural, do design de roupas, calçados, acessórios, artefatos decorativos, bioconstruções, dentre inúmeras outras possibilidades.

Considerando as pequenas iniciativas de agricultores de diversos municípios da Região do Cariri Cearense que organizados, conduzem as diretrizes de forma solidária e coletiva, o estudo objetivou analisar a Rede FASOL Cariri como empreendimento rural sustentável.

2 | METODOLOGIA

O traçado metodológico foi idealizado a partir da pesquisa Qualitativa-Descritiva, pautado em uma análise documental e observação participante em quatro edições da Rede FASOL Cariri. O estudo aconteceu entre os meses de Julho a outubro de 2017.

Para atingir os objetivos desta pesquisa foi necessário seguir um percurso metodológico, dentre eles: realizou-se um aprofundamento teórico, em que foram consultados periódicos e sites relevantes para a temática. Em um segundo momento, destinou-se a analisar as Atas de Reunião das quatro feiras da Rede FASOL Cariri com a confecção de um quadro que descreve informações da FASOL. Em um terceiro passo, realizou-se uma codificação do texto a partir da interpretação do conteúdo trazido no documento e assim, surge a interpretação das suas nuances.

Gil (1999) destaca que as pesquisas descritivas têm como finalidade a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Para complementar este pensamento Vergara (2000, p. 47) destaca que a pesquisa descritiva “Não tem o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”.

A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o projeto de pesquisa (SÁ-SILVA, 2009).

A pesquisa respeitou os critérios éticos dispostos pela comunidade científica, por se tratar de um banco de domínio público, não foi necessário submeter o estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por não dispor de riscos aos envolvidos. Esta pesquisa teve como critério de inclusão todas as Atas de Planejamento das Feiras e Atas de Avaliação Pós-Feira do ano de 2015 a 2016.

3 | TECENDO A REDE FASOL CARIRI

O Empreendedorismo presente no ambiente urbano, também acontece no ambiente rural, seja pela forma de organização do agricultor em sua unidade produtiva, seja pelo

sistema de produção que ele adotou, seja pela forma de comercialização de seus produtos e serviços. A categoria de microempreendedor, criada pela Lei Complementar nº 128/2008 que altera a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (Lei Complementar nº 123/2006) criou a figura do Microempreendedor Individual, sendo conhecido também como microempresas, são maioria em todo o país, sendo assim regulamentado como uma forma de geração de impostos para o Estado. Essa regulamentação influenciou na autonomia dos trabalhadores que passaram a serem regrados por esta política, tornando-os individualistas e com ampla competitividade.

Encontrar novas formas de comercialização é o maior desafio dos empreendedores rurais, que muitas vezes por não terem acesso a informações, acabam por entregarem seus produtos nas mãos de “atravessadores”, que os exploram na formulação dos preços e na qualificação destes frente ao mercado consumidor.

Uma alternativa a dissipação dos produtos da agricultura são as feiras livres (regidos por leis municipais), que são espaços constituídos a partir da união e das conquistas dos agricultores em lutas por seus direitos. A emancipação das feiras livres ocorreu em todos os municípios brasileiros, haja vista que a agricultura é uma das principais atividades econômicas em todo o território nacional.

Na agricultura o modo de produção é essencial para a determinação da qualidade e destinação do produto final. Produtos da agricultura convencional, geralmente são produzidos em escala industrial, em grandes estâncias de agronegócio, e destinados a supermercados, CEASAS e feiras livres em todas as regiões do País, atingindo um grande número de consumidores finais.

A partir da difusão das práticas agroecológicas, passou-se a considerar também os produtos agroecológicos, trabalhados em pequena escala, em espaços microfrAGMENTADOS em toda a extensão territorial do país, sendo fornecidos a uma clientela especial, conhecedora do seu diferencial, em lojas de produtos orgânicos e agroecológicos, ou em feiras livres específicas para este tipo de produto. A agroecologia e a agricultura orgânica, apesar de serem consideradas formas de produção tradicionais, assim se apresentam como estratégicas ao empreendedorismo rural.

Como uma forma de resistência frente ao agronegócio, os agricultores vêm a se organizar em iniciativas de empreendimentos populares, a fim de garantir a originalidade do trabalho humano na agricultura, bem como dos produtos sem aditivos químicos tóxicos, sem modificação genética, sem processamento industrial, valorizando o trabalho artesanal da produção.

Em Barbalha, município da Região Metropolitana do Cariri (RMC), por exemplo, existe uma junção de agricultores denominado Grupo da Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar do Município de Barbalha (GESTRAF), organizada e autogestionada por iniciativa dos idealizadores, todos de base familiar e agroecológica, ofertando feiras itinerantes nas comunidades da zona rural e urbana do município, que lhes conferem também o pioneirismo no aspecto do turismo rural da região, servindo

de espelho para a criação da Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri (Rede FASOL Cariri).

A Rede FASOL Cariri contribuiu positivamente na vida dos agricultores da Região, que passaram a ter um estímulo a mais para continuar trabalhando e produzindo, oferecendo ao consumidor final produtos de excelência em qualidade. A participação de cada agricultor na Rede FASOL Cariri é sinônimo de luta e de vontade de mudança, onde o envolvimento de cada agricultor representa uma experiência e seus saberes.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando os relatos em atas e registros em mídias digitais, focando nas ações do planejamento e na avaliação de cada edição da Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri, constatou-se que houve quatro edições, em períodos distintos e sediados em municípios diferentes. Assim, foi possível a construção do Quadro 01, que apresenta um resumo sobre as edições passadas.

Edição	Ano	Local	Resultados
I	02 de Março de 2016	Crato - CE	Esperava-se contar com os participantes do Triangulo CRAJUBAR (Crato, Juazeiro, Barbalha), com cerca de 30 agricultores. Atendendo ao convite estiveram presente agricultores de Caririçu e de Várzea Alegre, compondo um grupo de 34 agricultores de 5 municípios diferentes. A avaliação em geral foi positiva, tendo como único ponto negativo o transporte de alguns feirantes.
II	04 de Maio 2016	Barbalha - CE	Esperava-se contar com os participantes de todos os municípios com cerca de 40 agricultores. Atendendo ao convite estiveram presente agricultores de Várzea Alegre, Caririçu, Farias Brito e do CRAJUBAR compondo um grupo de 43 agricultores de 6 municípios diferentes. A avaliação em geral foi positiva, tendo como único ponto negativo o transporte de alguns feirantes.

III	06 de Julho de 2016	Juazeiro do Norte - CE	Convidou-se por meio de parcerias com ONG's e Sindicatos de Trabalhadores Rurais, cerca de 50 agricultores. Atendendo ao convite estiveram presente agricultores dos municípios citados compondo um grupo de 45 agricultores de 6 municípios diferentes. A avaliação em geral foi positiva, tendo como único ponto negativo o transporte de alguns feirantes.
IV	07 de Março de 2017	Crato - CE	Superando-se a expectativa, esta foi a edição recorde, contando com a participação de 64 agricultores, dos municípios acima citados, tendo como ponto negativo o transporte dos agricultores.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores.

Em geral, a Rede FASOL Cariri ofertou condições necessárias para atender as demandas de participação dos agricultores, como o fornecimento de barracas, lanche e transporte, a partir de parcerias com Secretarias de Agricultura dos Municípios, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Associações Comunitárias, e Grupos de Feirantes, que unindo forças com um objetivo comum, compuseram a Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri (Rede FASOL Cariri).

Percebe-se que por ser uma Rede ainda jovem, está se estruturando, a fim de organizar um regimento interno, dentre outras documentações o registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) essencial para algumas ações. No entanto, percebe-se que a ausência de alguns tipos de documentos não foi prejudicial ao andamento das atividades da Rede FASOL Cariri em suas quatro edições (Ver Foto 1 abaixo).

As edições foram planejadas, em reuniões preparatórias, abertas a participação de todos interessados, que são convocados sempre no encerramento das feiras, durante a reunião de avaliação, sendo marcados locais e datas, para as duas reuniões de planejamento. As reuniões de avaliação são realizadas ao final de cada edição, sendo elencados os pontos negativos e positivos, a fim de corrigir falhas e proporcionar o melhor para os agricultores.



Foto 1: III Edição da Feira da Rede FASOL Cariri, realizada em Juazeiro do Norte-CE em 2016.
Fonte: Própria autoria.

A avaliação é fundamental para o planejamento da edição consecutiva, no que se refere a atender as demandas do grupo. Percebe-se que o aumento do número de feirantes em cada edição representa a confiabilidade e a credibilidade do projeto, com o compromisso de escoar os produtos da agricultura de base familiar e agroecológica, em um novo formato, atingindo uma clientela específica do nicho.

Nota-se que, em todas as edições é proporcionado um momento de formação para os feirantes, que tem a possibilidade de aprender e trocar experiências e saberes com os demais, numa perspectiva de promoção do trabalho. Existe, também, espaço para discussões sobre política e direitos, com a participação do governo e de entidades parceiras. Os feirantes que fazem parte da Rede FASOL Cariri, não focam apenas na venda de seus produtos, enxergam ainda a possibilidade de escambo do excedente, bem como a doação dos produtos não comercializados, percebendo-se assim um sentimento de solidariedade, união e igualdade, presentes em todo o momento.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que a Rede de Feira FASOL Cariri contribui de maneira sustentável à medida que seus idealizadores conseguem estabelecer de modo cooperativo o empreendedorismo rural, provando que é possível ser economicamente justo, bem como estabelecendo em seu ciclo social o estímulo para ofertar aos seus consumidores produtos de excelência e qualidade. A comercialização é o maior desafio

dos empreendedores rurais, que muitas vezes por não terem acesso a informações, acabam por entregarem seus produtos nas mãos de comerciantes que os exploram na formulação dos preços, o que pode ser contornado por meio de projetos como este. O empreendedorismo rural atrelado a economia solidária na Rede FASOL Cariri, tem favorecido a inclusão social através do trabalho e da geração de espaços de produção de diversos significados.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIMA, C. C. de; PARTELI, L. de F.; LOOSE, C. E. O Empreendedorismo Rural e a Agroindústria Familiar na Gestão da Atividade Agropecuária em Rondônia. **RAC - Revista de Administração e Contabilidade** – CNECE; Ano 14 - n. 27; Publicado em 2015 - p.97-134; Disponível em: <<http://local.cnece.edu.br/revista/index.php/rac/article/view/348>>; Acesso em: 20 de out. de 2017.

MIYAZAKI, J. ; VILAS BOAS, T.; RAIZEL, P.A.,. **Capital social e empreendedorismo rural: a agricultura familiar no oeste do Paraná**. Resultados Preliminares do Projeto: Gestão das Unidades Artesanais, 2008. Disponível em: <<http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/economia/meco07.pdf>>; Acesso em: 20 de out. de 2017.

SÁ-SILVA, J. R. ALMEIDA, C. D. GUINDANI, J.F. Pesquisa Documental: Pistas Teóricas e Metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Cartilha do Empreendedor Rural**; Publicado em 2015; Disponível em: <<http://www.organicnet.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Cartilha-do-Empreendedor-Rural.pdf>>; Acesso em: 20 de out. de 2017.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. Scielo - Rev. adm. contemp., Curitiba , v. 13, n. 3, p. 450-467. Publicado em 2009; Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552009000300007>; Acesso em 20 de out. de 2017.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-23-9

